REVISTA ELETRÔNICA SABERES DA EDUCAÇÃO FAC SÃO ROQUE

A Repercussão dos Avanços Tecnológicos na Escola e na Atuação da Coordenação Pedagógica: considerações sobre impactos e possibilidades

Maurício Bronzatto [1]

Resumo

O presente artigo detém-se sobre alguns reflexos positivos e negativos da utilização da tecnologia como suporte para o trabalho educacional escolar. Discute também o papel do coordenador pedagógico como catalisador dos desafios, tensões e discrepâncias digitais verificados, sobretudo, entre os docentes neste tempo de mudanças. A era da informação anuncia uma porta para a renovação pedagógica tão alardeada nos centros de formação, promessa esta que demandará uma reinvenção da própria escola. No entanto, sem a utilização adequada da tecnologia, a única mudança será o aumento da capacidade expositiva do professor. Assim, a atuação do coordenador se reveste de singular importância nesta transição. Ele precisará se opor a que professores e alunos tornem-se meras mídias que farão escoar uma enxurrada de informações indiscriminadas sem o tratamento que justifique a razão de ser da escola.

Palavras-chave: Tecnologias educacionais; escola e tecnologia; a coordenação pedagógica e as tecnologias; o professor e a tecnologia.

"Uma verdadeira viagem de descobrimento não é encontrar novas terras, mas ter um olhar novo".

Marcel Proust

Podemos parafrasear Marcel Proust, e afirmar que, para o adensamento do conhecimento, um novo olhar, muito mais do que somente novas tecnologias, continua se apresentando ainda hoje como a grande necessidade da educação. A grande viagem de descoberta não mudou: é um mergulho de

[1] Doutorado em Educação Escolar, subárea Psicologia Moral, pela Unesp Araraquara; Graduado em Letras pela FIMI Mogi Guaçu e em Pedagogia pela FAC São Roque. Professor dos Cursos de Pedagogia, Direito e Administração da FAC São Roque.

ressignificações do sujeito em si mesmo. É um constante processo de reinvenção a partir dele mesmo. Segundo o poeta Fernando Pessoa, “Para viajar basta existir. (...) A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, senão o que somos”. No mesmo sentido, a escritora Eliane Brum afirma que o que fazemos é revisitar a nós mesmos no contato com diferentes culturas e percepções de mundo.

> Toda viagem é sem volta e leva sempre ao mesmo lugar: a nós mesmos. Ao final de cada uma, o melhor que podemos esperar é termos nos tornado mais o que somos. Ter alcançado porções mais longínquas de nossa própria geografia, mesmo que esta seja uma floresta densa e sombria. Ter sido ampliado pela experiência de se arriscar a olhar para dentro, escalando nossas próprias montanhas, mais altas que o Everest, e atravessando nossos rios internos a nado, ainda que eles estejam infestados de piranhas e jacarés famintos. (BRUM, 2010, p.1).

Essa digressão inicial ajuda-nos a não pensarmos a tecnologia como suporte escolar de forma ingênua, como se seu advento fosse uma panaceia em vias de resolver os problemas educacionais atuais que vêm nos deparando verdadeiros “becos sem saída”.

Temos, sim, de um lado, uma realidade inexorável: a virtualidade chegou para ficar. O mundo não será mais o mesmo. As mudanças, antes aos galopes, agora se processam num ritmo supersônico. Há um tsunâmi de informações que nos cerceia a todo instante. O assunto do momento é pensar o conflito existente entre as gerações X, Y e Z, basicamente alicerçado sobre o uso que se faz da tecnologia. As dicotomias entre os “digitais” e os “analógicos” estão na ordem do dia. Ao lado da tão desejada inclusão dos portadores de necessidades especiais, propaga-se o imperativo de colocar para dentro das demarcações tecnológicas aqueles cuja geração os fizeram estrangeiros à natividade digital desses tempos hipermodernos. Nunca se falou tanto sobre educação a distância, em reciclagem oferecida a gestores e docentes para manusearem os escassos e incipientes recursos que suas escolas oferecem ao alunado.

No bojo de todos os aparatos e de toda efervescência em torno da tecnologia e do debate sobre a necessidade de uma escola com novos paradigmas, mais afeitos ao contexto da vida das crianças e jovens atuais,

encontra-se uma realidade indisfarçável: as formas de comunicação e acesso ao conhecimento estão mudando rapidamente. As subjetividades contemporâneas não são mais aquelas dos dias em que os hoje professores se sentavam nos bancos escolares das séries iniciais e ficavam à mercê da onipotência da transmissão de seus antigos mestres.

Os coordenadores pedagógicos se veem na função de quem precisa catalisar as diferenças nesse tempo de mudanças. Tragédia ou possibilidade, eles reúnem no quadro daqueles com quem trabalham, de um lado, profissionais com acessibilidade aos recursos multimidiáticos, e de outro, profissionais com dificuldades enormes, resistentes a toda inovação. Na base dessa tensão, temos os alunos, que exercem uma forma de pressão que chega a professores e gestores em forma de indisciplina, indiferença, enfado.

Gostaria de pensar a questão sob dois aspectos, portanto de forma dialética, como que numa busca de uma síntese que reúna pontos e contrapontos em favor de uma mediania prudente e possível para essa questão.

Em primeiro lugar, não há como negar: os cursos de formação estão deveras atrasados no suporte tecnológico aos seus professores. A formação precisa incorporar a nova tecnologia e deixar de tratar a sala de aula como um espaço isolado do mundo. Enquanto isso não acontece de forma plena, os coordenadores precisarão construir pontes entre o mundo digital e as lacunas que seus professores apresentam nessa área. Um *a priori* dos coordenadores será incluir seus professores no mundo tecnológico, ainda que apenas em formas de incentivo, de direcionamento para treinamentos, e mesmo, por que não, ensinando como se deve fazer.

A internet chegou propondo uma revolução como nunca se viu na história da humanidade. Eis uma porta para a renovação pedagógica de que tanto se fala nos centros de formação. Aos poucos, o plano pedagógico precisará se integrar às novas tecnologias, sem o que não se avançará para o que muitos vêm chamando de “democracia eletrônica”. Caberá ao coordenador mediar a tensão e os conflitos com as novas mídias, pensando projetos didáticos contextualizados, pesquisando e disponibilizando *softwares* adequados à aprendizagem, organizando o ambiente multimídia, entre outras

ações. Contudo, em primeiro lugar, ele precisará romper suas próprias barreiras, não temer as mudanças; antes, ser um fomentador delas.

Em outras palavras, o coordenador poderá funcionar como um guardião das possibilidades que estão sendo anunciadas com as conquistas tecnológicas, entre elas: o rompimento com uma educação bancária, que torna o aluno um espectador passivo e depositário das pérolas que os docentes distribuem à mancheia; o acesso à constante atualização das informações; a possibilidade de transcender a sala de aula, de realizar demonstrações virtuais que aproximem aluno e saber; a reciclagem das linguagens de acesso ao aprendiz, que garantirá um interesse mais efetivo; a revivescência dos sonhos de reinventar a educação e o mundo.

De fato, há muitas possibilidades que se entreveem no horizonte das novas abordagens de comunicação na escola. A falta de adesão dos professores, no entanto, acaba sendo apontada como seu grande algoz. Precisamos, agora, analisar o outro lado.

Não se trata de defender uma posição tradicionalista ou contrária a toda inovação. Mas também não se pode pôr toda a culpa nos professores, como se esses fossem dinossauros avessos a mudanças, que só se ocupassem de uma didática obsoleta, que serviu a contento um tempo passado, mas que agora precisa dar urgentemente lugar a novas tecnologias.

Deve-se estar atento ao fato de que, com toda a tecnologia, podemos continuar aferrados a uma velha maneira de ensinar, no entanto iludidos com um pensamento contrário que os novos recursos vêm semear em nós. Cysneiros (1999) fala de uma inovação conservadora. Ele alude, entre outros exemplos, ao uso massivo dos slides em Power Point, que deixa uma falsa impressão de que se está inovando, quando, na verdade, o professor continua como um transmissor de informações, apenas que agora veiculadas via tela de computador projetada em um telão de alta definição. A falta de sentido para o aluno permanece, bem como sua não participação efetiva, com sua opinião, com sua discordância. O que se vê, portanto, é um aumento da capacidade expositiva do professor e uma redução ainda maior da interação do aluno nesse processo. A passividade foi só disfarçada, mas continua presente.

O professor Yves de La Taille (2009) chama a atenção para a guerra da parafernália tecnológica hoje presente nas escolas, sobretudo nas particulares. No entanto, constata: os desprovidos professores de antigamente parecem ter obtido um melhor resultado, mesmo sem os inúmeros apelos multimidiáticos atuais. Cada novo recurso é introduzido nas salas de aula com a promessa de que finalmente estaremos diante de um ensino estimulante, dinâmico e eficaz. Vale lembrar, no entanto, que no final da década de 60, a televisão chegou apresentando a mesma oferta, e seus resultados pedagógicos não foram tão frutíferos quanto se esperava. Tal parece ser o caso do computador na sala de aula, comenta La Taille. Ele cita também o datashow como um recurso meramente mnemônico ao professor, que se limita a ler o que é projetado. "Tal emprego, no mínimo inútil para a aprendizagem de quem assiste à aula ou à conferência, pode chegar a ser prejudicial, pois dispersa o aluno, que deve passar da escuta à leitura, da leitura à escuta. Não há mais tempo para pensar o que está sendo ensinado" (LA TAILLE, 2009, p. 99).

Para Cysneiros (1999), muitos se rendem ao espetáculo dos novos recursos, chegando a ficar grandemente impressionados, mas, indiretamente, estão reafirmando sua crença secular de que ensinar é expor.

> Vários autores reconhecem que os usos educativos das tecnologias da informação na última década - instrução assistida por computador (CAI), informações em rede, aprendizado a distância - foram embasados em métodos pedagógicos tradicionais: fluxo unidirecional de informações, tipicamente um professor falando ou comentando imagens para alunas e alunos passivos. (CYSNEIROS, 1999, p.17).

Assim como um bom bisturi a laser não transforma um médico em um bom cirurgião, mesmo os bons *softwares* não são capazes de estimular os professores a repensarem seus modos de ensinar nem seus alunos a encontrarem novas formas de aprender. Será preciso o invento humano, a criatividade precisará entrar em ação.

Toda essa pressão sobre a escola e o corpo docente acaba deflagrando uma correria para que o professor se sinta "atualizado" e "interessante". Mas se continua a despejar conteúdos, não importa que adornados com os recamos da tecnologia, sem produzir interação, reflexão, ressignificação, continua a oferecer "mais do mesmo", apenas com outra roupagem mais sofisticada.

Nesse sentido, vale lembrar que a internet, com todos os seus auspícios, também pode funcionar como um fator de colonialismo cultural, do qual os professores, se não atuarem com filtros intelectuais, acabarão se tornando meros propagadores, sem perceber que reduzem ainda mais o seu papel e tolhem ainda mais o dos alunos. Sem uma verdadeira atitude crítica (no sentido freiriano do termo), não há educação digna de assim se chamar. Além do mais, não devemos nos enganar: ao lado de uma aprendizagem estimulante e fornida de recursos tecnológicos – o que é legítimo perseguir – não se pode desconsiderar, sob pena de descaracterizarmos a educação, a necessidade de disciplina, suor, tolerância à frustração, segundo Cysneiros (1999, p. 20), "aspectos do cotidiano do aprender e do educar que não serão eliminados por computadores".

O lugar de síntese, portanto, é o *locus* de atuação do coordenador pedagógico. Ele deverá fincar sua bandeira nesta efervescência e discernir caminhos que propiciem novas formas de apreensão dos diversos saberes que não tornem professores e alunos simplesmente meras mídias por meio das quais circulará uma enxurrada de informações indiscriminadas sem o tratamento que justifique a razão de ser da escola.

Referências Bibliográficas

BRUM, Eliane. **Espelho, espelho não meu.** Época: Coluna Nossa Sociedade. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca>. Acesso em: 22 de nov. 2010.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? Informática educativa**. Vol. 12, nº 1, 1999. Uniandes – pp. 11-24. Disponível em: http://www.escolaheitor.net/planejamento. Acesso em: 22 de nov. 2010.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MAMBRINI, Verônica. **Tecnologia na sala de aula. O Educacionista**. Disponível em http://www.educacionista.org.br. Acesso em: 22 de nov. 2010.